

Vitorianos iminentes

“Os escritores de biografias redigem com os pulsos amarrados. Se olham pela janela, nada vêem: fazem só uma pausa no trabalho. A honestidade entrou-lhes nos pulmões e o sangue aflora para a receber. Não lidam com cadáveres mas com factos, os quais não sofrem decomposição. Empreendem esgotantes caminhadas e aqueles que têm asas não as usam. São gente dedicada ao pormenor, ao que pode observar-se e não ilude. Nem sempre se acham livres do relâmpago que cega e que transtorna as conclusões” (pág. 117). Assim justifica Hélia Correia a necessidade do romance biográfico, género que não evita os relâmpagos mas os procura.

O relâmpago aqui chama-se Lizzie, isto é, Elizabeth Siddal (1829-1862). Lizzie foi a mais conhecida modelo dos pré-rafaelitas, um grupo de pintores ingleses de meados do século XIX. Eles eram decadentistas e pagãos, iconoclastas e místicos, tenebrosos e medievalistas. É Lizzie quem vemos em dois quadros fundamentais: a “Ofélia” de John Everett Millais e a “Beata Beatrix” de Dante Gabriel Rosseti. A Ofélia suicida de Millais, escreve Hélia, “condensa todo o devastamento do amor, a vocação do feminino para a perda, o erotismo sacrificial”. Com a água nos cabelos e no vestido, Lizzie entrou no imaginário ocidental. Ao posar numa banheira cheia de água já fria, apanhou uma pneumonia, mas ao mesmo tempo criou uma imagem cultural. E é essa imagem que a persegue: “Qualquer coisa de Ofélia se alojara definitivamente no seu corpo, essa tristeza de uma personagem que nasce com a única função de comover as audiências e ajudá-las a ver na morte um corolário de beleza.

Quase todas as suas amizades se processaram numa espécie de armadilha em que os românticos caíam de bom grado, confundido a doença e a magreza com os sintomas amorosos da poesia (págs. 71-72). A doença é mais que um símbolo: é a manifestação natural do amor decadentista.

Fascinada com esta mulher real e imaginada, a romancista lê biografias, consulta documentos, viaja aos locais onde aconteceram os factos. E depois ficciona. Lizzie, beleza pálida de cabelo ruivo flamejante, ganha a vida como modelo, mas também é artista. Distante e recatada, seduz em registo quase assexuado, é mórbida, tormentosa, adoentada, soberba. Quando John Ruskin, o árbitro do gosto vitoriano, se interessa por aquilo que Lizzie pinta, ela resiste à tutela, porque não quer perder a sua autonomia.

Só se entrega verdadeiramente a Dante Gabriel, ele que “caminhou num mundo intensamente deformado pela beleza dos destinos trágicos”. Homem impulsivo e difícil, o mais célebre pré-rafaelita era também o mais mórbido, havia nele uma volúpia que facilmente confundia idealização e necrofilia. Quando escolhe Lizzie como sua “pupila” estabelece com ela um estranho pacto conjugal, que começa por ser estético e depois se torna doméstico. Os pré-rafaelitas gostavam de “resgatar” mulheres que achavam “perdidas”, e foi isso que Gabriel fez com Lizzie. Ou com a mulher que imaginou: “Gabriel não via Lizzie, via apenas a sua própria construção mental, uma figura de mulher inexistente. Na escuridão do estúdio, havia como que um brilho negro de alucinação e algo de diabólico, um poder de arrastar Gabriel Rossetti para a loucura, emanava do rosto de Miss Siddal” (pág. 169). E mais ainda: “Ele não queria Lizzie

entre os humanos, não a queria com carne de mortal. Ruskin bem percebera que ela fora concebida num mundo imaginário e lhe faltava competência para este. Gabriel prendera-a em folhas de desenho como quem prega um alfinete em borboletas. Mas ela continuava a agitar-se, incomodando. Já esquecera o seu papel” (págs. 269-270).

“Adoecer” é um romance atento a esse papel, e às mulheres que o encarnam e o recusam. Lizzie não foi certamente uma criatura dócil, daquelas que se transformam no amador, à força de muito imaginar. As pessoas tendiam a não gostar dela, a achá-la uma influência negativa, mas ela impôs-se, às vezes em silêncio, outras com gestos veementes de independência. Hélia Correia relembra que se vivia a Inglaterra de Dickens, de Marx, das feministas, um mundo socialmente inquieto em que o papel da mulher se acomodava com crescente dificuldade a idealizações românticas doentias. Mas Lizzie aceitou aquilo que recusava, num registo mais neurótico do que erótico, mas em todo o caso bastante sexual e fantasmático. E a romancista descreve as casas que o casal habitou com notável capacidade descritiva e intenção lúgubre. Percebemos que tudo é malsão nos pré-rafaelitas, como tudo é malsão na vida de Gabriel e Lizzie.

Por este romance passa a intelectualidade inglesa da época, eminentes vitorianos como Tennyson, Browning, Swinburne, e outros que viviam em desgraça iminente. Intrigada com essa Inglaterra severa mas boémia, Hélia embrenha-se em digressões biográficas minuciosas e nem sempre compreensíveis, mesmo para quem conheça um pouco o período em causa. Mas a escrita é seguríssima, triunfante, com aforismos de um desplante agustiniano.

Quase sem diálogos, o texto aposta na recriação magistral de cenas e quadros ingleses, na desmontagem das mitologias, no fulgurante e enigmático entendimento entre personagens doentias.

Nada é demasiado estranho neste universo. Aceitamos que Gabriel deixe poemas no caixão da sua musa. E aceitamos que mais tarde os desenterre e publique. Tal é o poder doentio dos mortos sobre os vivos.